

LUTZ HOEPNER (Humboldt-Universität zu Berlin, Institut für Romanistik)

A lexicografia bilingue Português - Alemão

0. O estado da arte nos finais do século XX

A história da lexicografia bilingue Português (PT) e Alemão (AL) é breve e já foi sumariada, há quase vinte anos, na monografia alemã *Wörterbücher*¹ (Dicionários) composta por três volumes. Como o autor do artigo «Die zweisprachige Lexikographie mit Portugiesisch»², Stefan Ettinger da Universidade de Augsburg, redigiu em AL, apresentamos aqui um breve resumo em PT:

Uma lexicografia independente do PT com outra língua moderna, forma-se só muito tarde, entre os séculos XVIII e XIX; frequentemente o PT aparece em dicionários plurilíngues.

Muitos dos dicionários, primeiramente publicados no século XIX, tiveram reedições até aos nossos dias.

A parceria AL e PT veio à luz, como é sabido, nos anos 1811-1812, com o respeitável dicionário de Wagener³ em 3 volumes. O número de verbetes, a inclusão de colocações e idiomatismos colocam-no, ainda hoje, ao nível dos mais frequentes dicionários de bolso, como são chamados.

Seguem-se dois títulos do tamanho dos actuais dicionários de bolso: Wollheim⁴ (1844) e Bösche⁵ (1858).

O Michaelis⁶, em 1887, torna-se símbolo de uma sólida lexicografia bilingue. Este dicionário em dois volumes da autoria de Henriette Michaelis, irmã da douta filóloga Carolina Michaelis de Vasconcelos, prolonga-se em 14 reedições na reputada editora Brockhaus, até ao ano de 1934, na Alemanha. Nos Estados Unidos, sai uma adaptação para o Inglês com edições até 1945, ou 1955 respectivamente. Essa versão inglesa constituiu a base para o dicionário brasileiro da editora Melhoramentos⁷.

¹ Ettinger, Stefan, 1990.

² A lexicografia bilingue com o Português.

³ Wagener, Johann Daniel, 1811-1812.

⁴ Fonseca, Anton Edmund Wollheim da, 1844.

⁵ Bösche, Eduard Theodor, 1858.

⁶ Michaelis, Henriette, 1887.

⁷ Novo Michaelis, 1958-1961.

Em princípios do século XX, a editora Langenscheidt lança, dentro da sua série de 'Dicionários de Bolso', o dicionário de bolso PT-AL⁸ (1904) e AL-PT⁹ (1909); na reedição das duas partes em 1968/1969 pela primeira vez se incluiu a transcrição fonética.

Em 1984 e 1986 respectivamente, publicaram-se na então RDA os dicionários AL-PT e PT-AL¹⁰ do tipo dicionário de bolso.

Em Portugal sai um novo tipo de dicionário com os volumes PT-AL em 1983 e AL-PT¹¹ em 1986, na Porto Editora, com um número superior de entradas lexicais se comparado aos dicionários da Langenscheidt e da ex-RDA.

Falta na lista dos dicionários ditos gerais a filiação brasileira: aqui o autor menciona um título, o Dicionário Tochtrop AL-PT¹² (1984, 1ª ed. 1943), mas nunca tendo saído o volume PT-AL.

Aqui termina a lista dos dicionários gerais das nossas línguas, e muito resumidamente o autor menciona meia dúzia de dicionários técnicos, alguns dos quais desactualizados já naquela altura, tendo três desses títulos conhecido uma actualização:

- o Dicionário Técnico em dois volumes de Richard Ernst¹³ e
- o Dicionário de economia e Direito por Kick Ehlers¹⁴ (Brasil)
- o Dicionário de Direito e Economia de Jayme/Neuss¹⁵.

Sob a divisa de uma lexicografia bilingue enriquecida pela moderna linguística, Ettinger refere dois títulos de Hans Schemann da Universidade do Minho, o das perífrases verbais¹⁶ cuja dupla função permite usá-lo também como manual, e o das expressões idiomáticas (PT-AL)¹⁷, louvando Ettinger os dois títulos pela precisão do autor e a abundância do material.

Ettinger, em observação final, alerta para a necessidade premente de se elaborar um dicionário grande de entre 80.000 a 100.000 entradas lexicais por cada volume, como há muito têm sido publicados para outras línguas importantes.

Em 1994, Jaime F. da Silva,¹⁸ da Universidade de Bochum, dedica-se à mesma questão da situação da lexicografia bilingue PT e AL chegando às mesmas conclusões formuladas por Ettinger ainda que F. Silva se dedique mais às micro- e macroestruturas dos dicionários gerais de língua. Termina com igual desiderato, observando a premente necessidade da elaboração de um grande dicionário de PT e AL com cerca de 100.000 entradas por volume.

1. O que mudou, o que melhorou

Agora, passados quase vinte anos sobre esse registo do estado da arte, convém perguntar o que se alterou nesse período de tempo. Em relação aos bons desejos de Ettinger e F. Silva pode responder-se sim e não. Os dois títulos da série Dicionários Editora tiveram uma reedição em 1999 com a aplicação da nova ortografia alemã¹⁹ e enriquecimento «com as con-

⁸ Ey, Louise, 1904.

⁹ Ey, Louise, 1909.

¹⁰ Klare, Johannes, 1984-1986.

¹¹ Dicionários Editora, 1983-1986.

¹² Tochtrop, Leonardo, 1984.

¹³ Ernst, Richard, 1983-1986.

¹⁴ Ehlers, Edel Helga Kick; Ehlers, Gunter, 1981-1982.

¹⁵ Jayme, Erik; Neuss, Jobst, 1990.

¹⁶ Schemann, Hans, 1983.

¹⁷ Schemann, Hans; Schemann-Dias, Luíza, 1979.

¹⁸ Silva, Jaime F. da, 1994.

¹⁹ Porto Editora, 1999.

Tradição lexicográfica

tribuições de leitores que, mediante observações pertinentes, permitiram preencher lacunas, eliminar incorrecções e alargar vocabulário» (nota da editora, 1999).

1.1. Dicionários Editora, 2006, *Dicionário Português-Alemão*, Porto.

Alguns anos depois, em 2006, sai a segunda edição do *Dicionário Português-Alemão*²⁰ da série Dicionários Editora com 85.000 entradas (informação da editora) que apresenta óbvias vantagens em comparação com a edição de 1999: «As entradas incluem transcrição fonética, contextos e sinónimos, indicações de áreas temáticas e de registos de língua, e uma enorme variedade de informação gramatical - preposições e casos usados, formação de plurais e femininos irregulares, conjugação de verbos portugueses. Para além do vocabulário de uso corrente e expressões idiomáticas, esta obra regista vocabulário específico de variadas áreas do conhecimento» (sinopse da 2ª edição).

Vejamos este dicionário mais de perto:

Em termos macroestruturais o dicionário contém 'Nota da Editora', 'Guia de Utilização' (que exemplifica de forma muito clara todos os sinais metalexigráficos utilizados), Fonética – uma lista dos sons do PT – e uma 'Lista de Abreviaturas' antes do próprio *corpus*. Depois do *corpus* segue com 'Paradigmas de Conjugação de Verbos' uma lista de 151 verbos regulares e irregulares numerados e indicando assim o respectivo paradigma de conjugação. Assim, um verbo com um determinado número remete para o verbo que serve de orientação nesta lista. Segue-se uma lista de 'Numerais e Medidas' e um 'Vocabulário Geográfico' contendo o nome do País e da capital, em PT e AL, incluindo os nomes de estados alemães e austríacos e de cantões suíços. Mas aqui interrogamo-nos sobre os motivos porque foram incluídas no *corpus* do dicionário as mesmas informações, quando esse espaço poderia ter sido poupado sem perda. As informações metalexigráficas estão todas em PT, destinando-se este dicionário, obviamente, a utentes de língua materna PT para a utilização activa de tradução, e pressupondo utentes de língua materna alemã com bons conhecimentos de PT para saberem lidar com essas informações metalexigráficas em língua estrangeira.

No seu todo, este é um dicionário moderno, com rica informação lexicográfica, com verbetes de microestrutura bem desenvolvida, mas podem também apontar-se numerosos senãos. Com algum desapontamento, notamos que este não será ainda o grande dicionário desejado há longo tempo por tantos lusitanistas. Por várias razões é menos satisfatório do que parece. Este dicionário, pelo tamanho e conteúdo que tem, destina-se a um público instruído já com profundos conhecimentos de PT e AL respectivamente:

— O dicionário apresenta um léxico bastante actualizado. Houve intenção de suprimir os numerosíssimos erros e acepções absurdas das edições anteriores.

— Em caso de polissemia as acepções de um lema são distinguidos por números, o que facilita a leitura.

— Cada verbete constitui um parágrafo autónomo: oferece melhor legibilidade, o utente consegue orientar-se mais depressa e mais facilmente. Essa forma de organização dos verbetes exige muito espaço, mais espaço do que se reunissem os verbetes com a mesma raiz num só parágrafo (cf. Langenscheidt), e faz o dicionário parecer maior do que realmente é.

— Todos os lemas são seguidos pela respectiva transcrição fonética; nalguns casos até há duas variantes transcritas do PT europeu.

— A transcrição dos brasileirismos não corresponde à fonética brasileira: **caminhonete, capoeira, chope, goleiro, jenipapo, pedágio, torcida**. Porquê transcrever brasileirismos à portuguesa?

— A informação metalexigráfica aparece em letra menor, assim, a informação lexicográfica propriamente dita oferece melhor legibilidade.

²⁰ Porto Editora, 2006.

LEXICOGRAFIA BILINGUE

A designação das áreas técnicas de forma não abreviada absorve muito espaço no caso de entradas que fazem parte de várias áreas técnicas, como p. ex. **abóbada**: seguem-se acepções em ASTRONOMIA, ARQUITECTURA, ANATOMIA; **marxismo-leninismo** (marxismos-leninismos) ECONOMIA, FILOSOFIA, POLÍTICA ...; ou então este caso: **bip** TELECOMUNICAÇÕES Piepser. Abreviaturas como ASTR, ARQUIT, ANAT, ECON, FILOS, POL e TEL seriam suficientemente transparentes e, além disso, sempre há listas com as respectivas siglas.

— A indicação ou não de áreas tecnolectais carece de lógica: **biogás** -- , mas **biomassa** BIOLOGIA, parece insatisfatória. Poderiam referir-se mais áreas neste caso, pelo menos ECOLOGIA, AGRICULTURA e talvez ENERGIA. E ainda este lema: **decomposição** QUÍMICA; trata-se, todavia, de um processo a funcionar além da química, aqui seria melhor desistir de colocar a marca; também no caso de **dedo** ANATOMIA, pois não haverá dificuldade de compreensão.

Coloca-se, entretanto, uma questão (aliás não limitada a este dicionário), até que ponto a aplicação das regras de redacção há-de ser rigorosa e sem excepções. O termo técnico **biomassa**, regra geral, tem que estar acompanhado da respectiva designação da área de especialidade, mas, não será preferível aceitar uma excepção quando o termo está tão ao alcance dos utentes quanto biogás? É preciso encher o *corpus* com esse tipo de marcas? Poderá talvez questionar-se, em alguns casos, a coerência dos redactores deste dicionário. Alguns exemplos que formam uma cadeia de verbetes no *corpus*:

sáurio ZOOLOGIA, sauripélvicos --, saurografia --, saurologia → saurografia --, saumorfo --, saurópodes --, sauropterígeros --, saussurite MINERALOGIA, sautor --, saúva ZOOLOGIA, savacu ORNITOLOGIA, savana GEOGRAFIA, savarim CULINÁRIA.

Acima, notamos pois a falta de marcação na área dos sáurios com excepção do popularíssimo **sáurio**, e depois temos a igualmente popularíssima **savana** com marcação – não se compreende. Nos casos de **saussurite**, **saúva** e **savacu** é indispensável a marcação. Já **sautor** e **savarim** são lemas cuja inclusão neste dicionário é mais que questionável (com ou sem marcação), pois apesar do uso bem raro, sautor, no próprio Grande Dicionário da Porto Editora, remete para outro lema e pertence à área da heráldica.

— É pouco claro quando e por que razão se inclui o respectivo nome latino num verbe-tem com uma dada espécie de flora e fauna:

japu ORNITOLOGIA Krähenstirnvogel vs. **japaranduba** BOTÂNICA Japarandiba *Gustavia augusta*.

Além disso, acho incorrecto indicar um nome genérico (acompanhado do respectivo nome latino) como acepção quando na realidade não há equivalente: **jarapé** BOTÂNICA Gras *Imperata brasiliensis*. Na inversão deste verbe-tem para AL-PT poder-se-ia escrever que o AL Gras (i. é *relva*²¹) em PT seria jarapá (aliás, jarapá é brasileirismo), portanto um absurdo. Há, porém, uma opção como resolver o assunto parafraseando o equivalente de jarapá como 'eine Grasart' (*uma espécie de relva*) e utilizando para tal a letra em formato menor para o utente reconhecer que não se trata de um pleno equivalente, mas sim de uma paráfrase.

Por outro lado, não parece aceitável: **boa-nova** ZOOLOGIA kleiner, weißer Schmetterling (*pequena borboleta branca*, portanto uma paráfrase genérica), aqui deveria incluir-se o nome latino, de outra forma este verbe-tem não tem sentido algum.

No conjunto parece que em botânica e zoologia a marcação das espécies é bastante in-consequente.

— No dicionário foram introduzidas numerosas siglas muito úteis: **MP** – Ministério Público, **PIDE** com informação enciclopédica em AL.

²¹ Sempre que há uma acepção em AL, segue, normalmente entre parênteses e escrita em itálico, a sua tradução para PT ou alguma explicação.

Tradição lexicográfica

Há porém um grande número de siglas supérfluas: naturalmente sempre depende das ponderações dos lexicógrafos o que incluir e o que deixar de fora, isso é válido também no caso das siglas, mas seria indispensável incluir **ACG** (angiocardiografia)?

Internacionalismos como **ABS, DVD, INTERPOL, PDF** sem perda de informação lexicográfica podem ficar de fora porque em AL têm o mesmo uso.

As siglas dos elementos químicos obedecem a um regulamento internacional. Não há razão para os introduzir como verbetes independentes.

E será de facto necessário indicar siglas como **INSC** (índice nacional de satisfação do cliente)? Amanhã, por diversas razões, esse índice pode ser abandonado ou a sigla ser alterada; para alguma coisa a internet deve continuar útil.

— Há uma série de valiosas informações enciclopédicas sobre nomes próprios e sem equivalência em AL; essas às vezes são textualizadas em letra menor do que uma aceção normal: **abará** BRAS *brasilianische Bohnenspeise (prato brasileiro à base de feijão)*; outras vezes não acontece: **cápide** ant. Tongefäß, in Opfermahlen gebraucht (*vaso utilizado em sacrifícios*), também uma paráfrase fazendo de equivalente. A solução formal poderia ter sido como no caso anterior com abará.

— Constatam-se casos de incongruência ao nível do registo entre PT e AL. Regra geral, espera-se que um sinal metalexigráfico se refira igualmente aos dois elementos, ao lema e à aceção, como nestes exemplos: **pirar** (pop) abhauen, **pipi** (infant) Piepmatz. Mas frequentemente não acontece, e há que admitir também que existem situações em que é quase impossível solucionar o problema; porém, tantas vezes se depara com soluções imprecisas como estas:

abóbora [*coloq.*] Kopf (i. é *cabeça*, mas também em AL há aceção coloquial: Rübe e Kürbis, i. é abóbora!); **bife** (*coloq., pej.*) – Engländer (i. é *inglês*, pois não marcado), em AL já se usou a palavra Tommy (é dos tempos das Grandes Guerras); **cocó** (*coloq.*) Aa n., Kacke f. É possível fazer melhor.

É certo, o verbete está marcado diastraticamente; lema e primeira aceção (Aa) correspondem-se, mas todo utente vai qualificá-los como pertencendo à linguagem infantil. Kacke, porém, é de linguagem bem mais grosseira e não infantil nem coloquial, e portanto, não é sinónima em termos diastráticos. A solução teria sido deixar a última aceção de fora.

O verbete **porcalhão, -ona** – Dreckschwein não está marcado, como se os elementos pertencessem ao registo não marcado, o mesmo valendo para **porra**.

— Qualquer dicionário contém erros, também neste há aceções erradas ou ao menos questionáveis:

aborto (provocado) Spottgeburt (i. é *palavra de expressão de desprezo do tempo de Goethe*); nada tem a ver com a primeira aceção no verbete separada desta por vírgula: Abtreibung (*aborto provocado*). **Abrótea** em primeiro lugar é nome de peixe, aqui faltando, porém o uso desse nome em relação a uma planta é bastante raro. **Porco-marinho** não é ao mesmo tempo Meerschwein (*porquinho-da-índia*) e Schweinswal (*toninha, uma espécie de baleia*); **porco-marinho** é Meer-sau (*um tubarão*).

— É positivo que se tenham inserido as formas de plural irregulares dos lemas (**cão, cães**) e também no caso das palavras compostas (**bate-chapa, bate-chapas**).

Mas é questionável que só por razões de rigoroso seguimento das regras de redacção se deva proceder assim: **marxismo-leninismo** (marxismos-leninismos), quantos haverá? Indicar a forma feminina igualmente costuma fazer parte da concepção de um dicionário, mas há que incluir custe o que custar uma forma feminina na parte das aceções, sobretudo quando a probabilidade do uso for reduzidíssima? **Marxista-leninista** s.m.f. (aliás, sem inclusão da forma do plural! E ninguém notará a falta) Marxist-Leninist m., Marxistin-Leninistin f. Ou ainda dois exemplos menos carregados ideologicamente: **selo-de-salomão** (selos-de-salomão) BOTÂNICA; **sebastião-de-arruda** (sebastiões-de-arruda) Bras BOTÂNICA. Em todos estes casos dos termos compostos, p.ex. de botânica e zoologia, há uma regra (o nome base é flectido quando substantivo), porque não lembrar esta regra ao utente no 'Guia de Utilização'? E, além disso,

LEXICOGRAFIA BILINGUE

este dicionário não se diz dicionário de aprendizagem, é antes para utentes com bons conhecimentos da língua. Sendo assim, poder-se-iam incluir essas formas sempre que fugissem a uma regra.

— As informações enciclopédicas num dicionário de língua constituem um problema geral, i. é a questão dos lemas sem correspondentes na língua-alvo por razões culturais, históricas etc., portanto, não há equivalência propriamente dita. Nalguns casos como os seguintes até se pode dispensar a inclusão dos lemas se o equivalente constituir a mesma palavra: **fado** – Fado, **capoeira** – bras. Capoeira. Estas informações pressupõem o enraizamento do conceito de fado ou capoeira respectivamente, na cultura alemã, o que hoje em dia se pode confirmar.

Por outro lado, há casos como este: **candomblé** [Bras] (afro-brasilianische religiöse Übung) quer dizer: *exercício religioso de origem afro-brasileira*. Parece um pouco desajeitado, no fundo devia referir-se termos como culto e sincretismo. Mas este exemplo demonstra a problemática do dicionário de língua: até que ponto vai o pragmatismo de se incorporar léxico de importância e portador de informação enciclopédica? Não se podem redigir definições inteiras. Mas esta paráfrase a descrever o conceito do candomblé pouco esclarece ao utente do dicionário. Assim, seria preferível não incluir o termo. Ou então conceber uma paráfrase no sentido de: culto afro-brasileiro resultado de sincretismo.

— A meu ver este dicionário contém muitos verbetes supérfluos: **camilista** → **camilianista** Camilobewunderer, é um absurdo, não tem um mínimo de aplicação prática, e ainda por cima são dois verbetes (em contrapartida teria que acusar-se a falta de **eciano** ou **queirosiano** ou ainda **peosoano**, enquanto que **camiliano** também existe). Ainda alguns poucos exemplos: **panlecítico**, **panlogismo**, **panmixia**.

— Os verbetes com várias acepções e abonações, regra geral, oferecem uma microestrutura bem desenvolvida, de fácil orientação para o utente. Traços distintivos ajudam a diferenciar entre acepções não sinónimas (separadas por ponto e vírgula). A diferenciação faz-se através da indicação, antes da acepção, entre parênteses e em itálico, de sinónimos em PT.

Por outro lado, o dicionário está cheio de termos raros e estrangeirismos que ou têm idênticos equivalentes em AL (**single**, **sitcom**, **site**, **skate**, **sketch**, **skinhead**, **slalom**, **slide**, **slip**, **slogan**, **slow**, **smash**, **smoking**, **snack-bar**, **snob**, **snooker**, **snowboard**) ou diferem só um pouco na ortografia do AL (**silfo**, **Silures**, **simum**, **sinadelfo**, **sinaíta**, **sinédrio**, **sinemuriano**, **sinequia**, **sinergismo**, **sinestesia**, **sinopla**, **sinople**, **sire** ...). Acresce o grande número de termos técnicos mais usados, mas igualmente de ortografia muito próxima nas duas línguas: nomes de famílias e classes de botânica e zoologia, termos de medicina, sobretudo. Assim, sobressai que numerosas páginas são quase exclusivamente dominadas por verbetes desse tipo formados apenas por lema e equivalente parecendo igual ao lema, portanto verbetes com microestrutura pouco desenvolvida.

— Muito espaço perde-se através de remissões de um termo a outro, sinónimo: **taxinomia** → **taxonomia**, **taxinómico** → **taxonómico**, **taxionomia** → **taxonomia**, **taxionómico** → **taxonómico**. Porque não optar pela variante mais usual? Nestes exemplos há três verbetes para um termo que em AL igualmente resulta num termo técnico: Taxonomie e taxonomisch. Que desperdício de espaço, pois são tudo verbetes independentes!

— Equivalências pouco práticas: **transariano** durch die Sahara gehend (*o que passa pelo Sara*), mas em AL também podemos dizer trans-saharisch.

Tradição lexicográfica

1.2. Porto Editora, 2009, *Dicionário de Alemão-Português*, Porto.

No verão de 2009, saiu o Dicionário Alemão-Português²² na sua «2.^a edição completamente revista e atualizada com a Reforma Ortográfica alemã de 2006 e o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ATUAL - Edição aumentada com vocábulos de uso corrente, terminologia específica das mais diversas áreas do conhecimento e variantes austríacas e suíças, num total de 92.000 entradas.

COMPLETO - Cerca de 214.000 traduções, incluindo variantes do Brasil, mais de 34.000 exemplos ilustrativos, locuções, provérbios e expressões idiomáticas, informações gramaticais importantes, como a preposição e caso usados com os vocábulos e tabela de verbos irregulares.» (nota da editora)

Atendendo a algumas das suas características, este dicionário parece destinar-se preferencialmente a utentes de língua alemã, não há transcrição fonética (desejável aos lusófonos) e os comentários metalinguísticos aparecem em AL.

A macroestrutura deste dicionário corresponde à do volume PT-AL com exceção da lista de Países e respectivas capitais, ficando estes nomes incorporados no próprio *corpus* do dicionário. Já as diversas formas organizadas na 'Lista dos verbos fortes e irregulares' repetem-se ao longo do *corpus*. O mesmo vale para lista de números ordinais e fraccionários assim como para medidas e pesos, outra vez um desperdício de espaço. O 'Guia de Utilização' dá uma visão muito prática dos vários aspectos considerados na microestrutura dos verbetes. Vejamos mais detalhadamente o presente dicionário:

— O dicionário considera as variedades do AL da Alemanha, Áustria e Suíça.

— Neste volume o número de brasileirismos, desta vez como acepções, ficou sensivelmente reduzido.

— Nos verbetes são indicados os casos e as regências do AL.

— Também neste volume abundam siglas internacionalmente idênticas.

Para os diferentes registos diastráticos o Guia propõe marcas como (coloq.). Agora, ao longo do dicionário não se compreende bem como esta regra está pensada, no Guia colocações e idiomatismos são antecidos pela marca, as respectivas traduções não têm marca. No *corpus*, porém, esta regra é difícil de entender: **Vollidiot** idiota chapado (nenhuma restrição de uso!); **kotzlangweilig** (vulg., pej.) muito chateado (a acepção em PT não é vulgarismo); **pinkeln** (coloq.) fazer chichi; **pissen** (vulg.) mijar; **pullern** (reg., coloq.) mijar; aqui nota-se uma certa incoerência, a nível do AL, mas também no PT. As marcas valem ou não para as acepções? No verbete **Verhältnis** ... (coloq.) relação (amorosa), caso pop. nota-se uma diferenciação na parte das acepções, 'caso' é considerado de registo popular. Mas 'relação amorosa': é expressão neutra ou é coloquial, seguindo-se a tese de a marca de registo valer para lema e acepção? Para complicar ainda mais este assunto, vão mais dois exemplos fortes: **vögeln** (vulg.) foder vulg., fornicar vulg. *versus* **Saukerl** (cal.) filho da mãe. Não se compreende a distribuição das marcas se comparadas aos outros verbetes aqui citados. Deste modo, frequentemente não se sabe como interpretar as marcas de registo diastrático.

— Na sequência alfabética, com lemas iniciados em **Volk-** (povo, popular) há um grupo de entradas com referência à antiga RDA, ora indicando Ex-DDR, ora sem indicação alguma:

Volksarmee exército do povo (i. é *exército da ex-RDA*); **Volksbildung** (in der DDR) educação nacional; **volkseigen** nacionalizado; **Volkskammer** (Ex-DDR) Câmara do Povo (i. é *antigo parlamento da RDA*); **Volkspolizei** (Ex-DDR) polícia popular (*Porquê esta tradução? A polícia, não foi particularmente 'popular', é só parte da designação*); **Volkssolidarität** (Ex-DDR) solidariedade popular (*não diz nada, é tradução literal sem significado em PT, ninguém deduzirá que se trata de uma organização de massas*). Todas essas denominações oriundas da antiga RDA – incluindo a

²² Porto Editora, 2009.

LEXICOGRAFIA BILINGUE

palavra Volk- (povo, popular) – têm uma forte carga ideológica, os nomes pouco dizem e são antes lexemas enciclopédicos do que termos lexicográficos. Estando assim não têm uso prático para o utente.

Igualmente no grupo de lemas com **Volk-** há uma série de lemas do tempo nazista, ora marcados com NATIONALSOZIALISMUS, ora não marcados:

Völkisch nacionalista, étnico (Assim não pode ficar, este lema está intimamente ligado ao tempo dos nazis e hoje fora de uso, ou falando mais precisamente, proíbe-se o uso dessa palavra); **Volksempfänger** HISTÓRIA rádio (Foi um aparelho muito barato para a propaganda do Terceiro Reich chegar a todos os lares); **Volksgemeinschaft** (NATIONALSOZIALISMUS) nação, comunidade do povo; **Volksgenosse** (NATIONALSOZIALISMUS) compatriota (São dois verbetes com forte carga ideológica); **Volksgerechtshof** (NATIONALSOZIALISMUS) tribunal do povo (É o exemplo mais crasso de todos, a tradução 'tribunal do povo' induz a cem por cento em erro, pois trata-se do famigerado tribunal político dos nazis). A simples tradução dessas designações não ajuda o utente, é preciso conhecer o contexto, e portanto consultar uma enciclopédia ou a internet:

«O tribunal é tristemente célebre pelo grande número de sentenças de morte (mais de 5000) pronunciadas em seus poucos anos de existência, sobretudo entre 1942 e 1945, sob a presidência do juiz Roland Freisler, cuja atuação é tida como exemplo de desvio da lei (Rechtsbeugung) e submissão da justiça ao terror organizado de Estado, sob o nazismo.» Wikipédia

Ainda a propósito de léxico do tempo nazista; no verbete **Jungvolk**, sem marca de restrição de uso, a tradução diz: Juventude Nazi. Esta aceção parece ser uma designação oficial, quando muito em itálico e minúsculas poderia servir de paráfrase. Caso idêntico constituem os verbetes **Pimpf** POLÍTICA membro da Juventude Hitleriana; **BDM** organização nacional-socialista para raparigas (nota-se uma certa incoerência e estas aceções igualmente poderiam servir como paráfrases, se devidamente marcadas e formatadas). Mas bem no fundo não se compreende porque estão estes lemas no dicionário.

Pouca sensibilidade tiveram os autores ao escolherem a palavra **Judenschule** (escola judaica) com sentido pejorativo, mas sem ser devidamente marcado, o uso da qual, depois do Terceiro Reich, se desaconselha vivamente, embora a expressão incluída nesse verbete tenha origem na Idade Média. Aliás, o mesmo verbete consta do Dicionário Idiomático AL-PT de Schemann.

Além disso, há alguns lemas soltos, também tirados de vários contextos históricos que não têm nenhuma utilidade na forma como estão integrados:

Volksbeauftragter delegado do povo (Título unicamente utilizado no tempo da chamada Revolução de Novembro, na Alemanha pós-primeira-guerra, em 1918-19); **Volksdemokratie** democracia popular (Nome dado aos Países do Leste europeu na era comunista); **Volkfront** POLÍTICA Frente Popular (Designação do tempo do Estalinismo dos anos 30 do séc. XX); **Volkskommissar** comissário do povo (A tradução é inutilizável, pois trata-se de alto funcionário do PC da URSS na 1ª metade do séc. XX); **Volksrepublik** república popular (Antigamente utilizado para designar os Países do Leste europeu). A inclusão de todos esses verbetes é mais que questionável porque assim como estão em nada ajudam a desfazer a ambiguidade de qualquer termo, antes pelo contrário. No 'Guia de Utilização' é fornecida ao utente uma solução para lemas sem equivalência em PT – uma explicação, uma paráfrase e imprensa em itálico, assim não havendo equívoco; exemplo: **Völkerball** jogo em que duas equipas se procuram atingir com uma bola para assim derrotarem a equipa adversária. Decerto é um caso extremo com uma frase inteira. Mas porque não se aplicou esta regra naqueles casos mais acima em vez de incluir traduções duvidosas e sem utilidade alguma?

Ainda uma curiosidade desse grupo de lemas: **Volkswagen** automóvel popular, carro popular (trata-se de nome de marca, não tem tradução, este verbete é desnecessário).

Tradição lexicográfica

O JL, numa reportagem intitulada «Porto Editora – A 'ciência' dos livros»²³, cita a coordenadora editorial do departamento de dicionários, Ana Salgado, sobre as suas tarefas: «introdução de neologismos e eliminação de arcaísmos, enriquecimento de informação lexical, revisão do conteúdo dicionarístico». Em boa parte a Porto Editora atingiu essas metas nestes dois volumes de dicionário. Apesar dos numerosos senãos pode afirmar-se que os dois volumes mais recentes da série Dicionários Editora constituem um grande passo em frente e dão uma boa ferramenta aos utentes que tenham plena consciência de que nem tudo está certo só por figurar num dicionário. Há que continuar cauteloso como utente. E devido a uma série de reservas acima expostas, devemos afirmar ainda não dispor do tão ansiado Grande Dicionário de PT e AL.

1.3. Uma breve comparação Wagener – Michaelis – Porto Editora

Tanto Ettinger como da Silva elogiam a qualidade e reputação do dicionário de Henriette Michaelis de 1887. A título de exemplo e por simples curiosidade a seguir tentamos confrontar alguns verbetes retirados dos maiores dicionários das nossas línguas elaborados ao longo dos últimos duzentos anos²⁴.

Wagener, 1811	Michaelis, 1887	Porto Editora, 2006
calceteiro <i>o que manufatura calças; o que crava na rua</i>	<i>sapateiro; fabricante de sapatos; calceteiro, canteiro</i>	<i>calceteiro, canteiro</i>
capoeira <i>gaiola onde se mantém ou engorda galinhas; FORT. entrincheiramento de onde se atira.</i>	<i>gaiola grande para engordar capões; gaiola de galinhas; FORT. espreita, carreira de tiro; mata para abater; casebre pobre; títópia velha; negro da mata; (PALAVRÃO) vagabundo</i>	1. <i>gaiola de galinhas; títópia velha; MIL. carreira de tiro; 2. BRAS. dança</i>
moleque <i>menino escravo negro</i>	<i>menino negro; menino escravo negro</i>	BRAS. <i>rapaz; menino de rua</i>
negro m. <i>um negro da costa da Guiné; o negro das unhas</i>	1. adj.: <i>negro; escuro; triste; infeliz; nefasto; maldoso; pão negro;</i> 2. m. <i>negro; escravo negro; cor negra; (ICHT) peixe de cor negra; negro de fumo</i>	adj./m <i>negro (cor, pessoa); mercado negro; negro retinto</i>
preto <i>preto; cavallo preto</i>	1. adj.: <i>preto; 2. m: negro (pessoa); preto do alvo de tiro; antiga moeda de cobre</i>	1. m: (depr.) <i>negro (pessoa); preto (cor); fotografia a preto e branco; televisão a preto e branco; vestido de preto; preto no branco; 2. adj.: preto; cerveja preta</i>

No mínimo pode verificar-se uma certa mudança no uso da língua, e em média, os verbetes em Michaelis oferecem mais informação, independentemente do uso hoje em dia de certas acepções.

²³ JL, 2009.

²⁴ As traduções para PT das acepções originalmente alemãs estão em *italico*; as colocações originais estão em formato normal.

1.4. Outros dicionários gerais

De entre os dicionários referidos no artigo de Ettinger, há outro dicionário com edição actualizada: é o da Langenscheidt²⁵ com um aumento do número de «vocábulos e expressões» (na terminologia da Langenscheidt) de 85.000 para 100.000 nas duas partes, pois aproximadamente 50.000 cada parte. O dicionário foi mesmo actualizado, tendo sido substituídas entradas ou acepções antiquadas por neologismos e expressões/colocações. Muito actualizada e aumentada ficou toda a terminologia das linguagens tecnolectais. Foram incorporados numerosos brasileirismos e alguns africanismos, embora a orientação original continue a ser o PT de Portugal. Melhorou a representação das regências de substantivos, adjectivos e verbos. Foi renovada a transcrição fonética. Há que lembrar que na altura, quando foi feita a revisão das duas partes (meados dos anos 90), ainda não se dispunha das inovações no mercado lusófono dos dicionários monolíngues de PT; refiro-me ao «Aurelião», ao Dicionário Moderno da Melhoramentos e ao Dicionário Houaiss da parte do Brasil. Em Portugal ainda não tinha saído o Dicionário da Academia, muito menos ainda o novo Grande Dicionário da Porto Editora. Carecia-se dessas ferramentas importantíssimas o que restringia os trabalhos na própria fase de revisão.

Além disso, a conceituada editora alemã de dicionários Klett (Pons), em cooperação com a Porto Editora, lançou, em 2002, o seu Standardwörterbuch²⁶ com no total 44.000 entradas e colocações, ou seja 22.000 por cada parte. É antes um dicionário pequeno embora por fora pareça ser maior que o da Langenscheidt. Algumas das entradas («as entradas mais importantes») estão acompanhadas das respectivas transcrições fonéticas. Uma inovação interessante são caixas ao longo do alfabeto definindo algum lexema típico e regional do espaço da língua-fonte; assim, na parte PT-AL aparece em caixa o termo *Fado* acompanhado de uma definição em AL. Na parte AL-PT o mesmo acontece p.ex. com os diferentes tipos de escola no espaço da língua alemã, portanto Alemanha, Áustria, Suíça – um aspecto igualmente positivo. Outro fenómeno positivo constituem, intercaladas entre a primeira e a segunda parte, as cartas padrão e uma pequena colecção de «locações úteis» das várias áreas do dia-a-dia.

Em 1994, a brasileira Melhoramentos lança o seu Michaelis Pequeno Dicionário²⁷ com «mais de 36.000 verbetes», nas duas partes juntas. Este dicionário inclui transcrição fonética. Mas ao todo não é mais que um dicionário pequeno, como o nome sugere, pois a microestrutura apresenta-se bastante reduzida.

São estas as inovações na área dos dicionários gerais e seguem-se os dicionários especiais e técnicos publicados após o artigo de Ettinger:

1.5. Dicionários especiais e técnicos

1.5.1. Busse, Winfried, 1994, *Dicionário sintáctico de verbos portugueses*, Coimbra

Com o Dicionário sintáctico de verbos portugueses Busse pretende «apresentar as propriedades sintácticas de aproximadamente dois mil verbos em português, com o objectivo de ser útil a estudantes». Busse tomou como base jornais da época e prosa portuguesa do século XX, mas consultou também vários dicionários actuais da época, também brasileiros, como o dicionário de Pedro Celso Luft²⁸ sobre as regências verbais. Os artigos apresentam-se de forma tal que após o verbo em PT seguem as possíveis traduções e exemplos para cada tipo de complemento que um dado verbo pode ter. A todos os exemplos precede uma fórmula a sintetizar

²⁵ Langenscheidt, 2001.

²⁶ Pons, 2002.

²⁷ Michaelis, 1994.

²⁸ Luft, Pedro Celso, 1992.

Tradição lexicográfica

a estrutura de cada frase: N-V-N (A câmara municipal decidiu asfaltar aquela estrada.) Assim, conferindo os exemplos, quem quiser resolver alguma dúvida tem boas possibilidades de encontrar uma solução.

1.5.2. Ernst, Richard; Moreira, Francisco José Ludovice, 2005, *Wörterbuch der industriellen Technik, Bd.8, Portugiesisch-Deutsch*, Wiesbaden.

Nas palavras de Moreira no prólogo dessa edição os objectivos principais são «eliminar conceitos antigos e (...) actualizar especialmente as áreas da construção civil, química, informática, Internet, electrónica, electrotecnia, tecnologia de laser, mineralogia e telecomunicações. Assim, o número de entradas aumentou em cerca de 20% para 62.000.»

São, pois, 62.000 copiosas entradas em 425 páginas, o que sem dúvida só se consegue com uma extrema compactação tipográfica do material lexicográfico, aliás típico dos dicionários técnicos da Brandstetter em Wiesbaden, facto este que dificulta a leitura.

Muito depressa se verifica que a distinção entre PT e BR frequentemente não acontece:

A entrada **caminhão** (aliás um brasileirismo bem conhecido) com quinze acepções, e só numa única (caminhão de mudança) sinaliza com B a origem, induzindo o utilizador assim à opinião de que caminhão seria termo perfeitamente aceite em todo o mundo lusófono. Seguem-se mais duas entradas de palavras compostas com caminhão.

O termo **caminhoneiro**, sem indicação da restrição de uso, é acompanhado de supostos sinónimos (motorista de caminhão, camionista). Por outro lado, a entrada **camionista** vale para toda a lusofonia.

dublagem /dobragem, **dublar** / dobrar: um é proveniente do Brasil, outro de Portugal, não há comentário.

ogiva Sprengkopf (termo militar) vs. **ojiva** Spitzbogen (termo da arquitectura), mas ojiva não existe, nem em PT nem no BR; as duas acepções fazem parte do lema ogiva.

Fica difuso o porquê dos 2 verbetes **controle** ou **controlo** com cada vez dezenas de acepções. Nada indica o uso regional em Portugal ou no Brasil.

concreto – Beton, dezenas de acepções, inclusive ~ **protendido**, ~ **úmido**, o que indica claramente a procedência do Brasil. O termo **betão** – Beton apresenta-se com muitas formas paralelas à entrada **concreto**, inclusive – pré-esforçado e – húmido deixando perceber que se trata de uso em Portugal. Uma boa parte de acepções dessas duplas poderia ser poupada juntando-se o material num verbete deixando os casos geograficamente claros na respectiva entrada: **concreto protendido**, ~ **úmido** = BR etc. Se se tivesse optado pela primeira ocorrência, pois **betão**, mais tarde, na entrada **concreto** (BR) ter-se-ia deixado uma referência a **betão**, apenas indicando **concreto protendido** e **concreto úmido** como brasileirismos.

O mesmo se passa com todo o campo de **húmido** – **úmido** (ca. de 10 verbetes com numerosas acepções). Ter-se-ia podido poupar espaço para melhorar a legibilidade, por exemplo.

Igualmente os verbetes **caminho** (de ferro PT) e **estrada** (de ferro BR) com acepções na área ferroviária coexistem com se fossem plenos sinónimos um do outro.

Óptica, falta ótica, sem qualquer indicação para quem procura à brasileira.

Usina é acompanhada de várias acepções, mas sem referência ao BR.

A inclusão de espécies (quais sim, quais não e porquê) da botânica é – a meu ver – questionável na forma como foi feita aqui: qual o critério de escolha? E a apresentação é duvidosa:

lupinus (agricult) Lupine

lúpulo m/ Hopfen m, Humulus lupulus m. Aqui não há indicação da área tecnolectal. O nome latino está como se fosse uma acepção. Seria preferível incluí-lo como 'comentário' à acepção Hopfen m (*Humulus lupulus*).

O mesmo acontece com **luzerna** (agricult) / Alfalfa f, Medicago sativa f, Luzerne. No verbete lúpulo o nome latino faz parte da acepção, em luzerna ele parece pertencer ao sinóni-

LEXICOGRAFIA BILINGUE

mo de luzerna: alfalfa, mas é difícil de saber ao certo; formalmente não há critério de distinção. Há outras entradas de botânica sem nenhuma contextualização metalexigráfica: **pau-brasil** Rotholz, Brasilienholz; **pau-cetim** Satinholz; **pau-ferro** Eisenholz.

A entrada **caminhamento** (P) Wandern não se justifica num dicionário técnico.

Há numerosos verbos gerais: **olhar**, **omitir**, **usar**.

1.5.3. Ernst, Richard; Moreira, Francisco José Ludovice, 2000, *Wörterbuch der industriellen Technik, Bd.7, Deutsch-Portugiesisch*, Wiesbaden.

No prólogo F. Moreira escreve: «foram acrescentados mais de 10.000 novos vocábulos». O que aumenta o número de entradas para 69.000 neste volume.

Este volume AL-PT de 2000, trata de forma sensível e exemplar a questão da origem regional dos termos do PT, mas também do AL, não se compreendendo portanto as supracitadas falhas, cinco anos mais tarde, no volume PT-AL. Assim, nos verbetes a seguir temos informação sobre o uso em Portugal, no Brasil, na Alemanha e na Suíça: **Lieferwagen** furgoneta P, perua B; **Handy** D; Mobiltelefon, Natel (CH) (fernm) telefone celular (B), telemóvel (P); **Kraftwerk** central eléctrica (P), usina eléctrica (B).

Mas também neste dicionário há casos em que essa distinção não se encontra:

Optik e quejandos só refere óptica; **Parkhaus** é auto-silo que o dicionário Houaiss qualifica de regionalismo português.

Também neste volume se coloca o problema da apresentação contraditória dos lemas da botânica, ora sem o nome latino, ora incluindo-o, mas de tal forma que parece tratar-se de acepções independentes: **Lupine** / lupinus, tremoceiro; **Hopfen** m Humulus lupulus m (Bot, Brau) lúpulo m.

Apesar dos problemas aqui abordados, os dois volumes do Ernst são os mais importantes dicionários técnicos das nossas línguas e com o maior leque de áreas tecnológicas incluídas, mantêm-se uma referência.

1.5.4. Hoepner, Lutz; Franzke, Lutz, 1996, *German-Portuguese Dictionary of Science and Technology*, Amsterdam.

Ainda antes da queda do muro, em meados dos anos oitenta, os dois autores elaboraram este dicionário com base em glossários coligidos por técnicos, engenheiros com conhecimentos de PT. Mas o título já não pôde ser publicado em tempos da ex-RDA. Só alguns anos depois, a Elsevier se ofereceu para editar este dicionário, e daí o título em Inglês. O dicionário contém aproximadamente 57.000 entradas das mais importantes áreas técnicas e das ciências naturais. Durante alguns anos, este título existiu de forma digital comercializando a Elsevier o seu programa completo de dicionários técnicos num só cd. Quem tinha adquirido um título, obtinha o acesso com um código, ficando os outros títulos do cd inacessíveis.

1.5.5. Jayme, Erik; Neuss, Jobst-Joachim, 1994, *Dicionário Jurídico e Económico Português-Alemão*, Parte I, München. Jayme, Erik; Neuss, Jobst-Joachim, 1990, *Dicionário Jurídico e Económico Alemão-Português*, Parte II, München.

O volume I saiu depois do volume II. A editora não indica o número de verbetes e uma contagem aproximativa leva a uns 15.000 verbetes com muitas acepções e abonações.

O dicionário considera as duas grandes variedades do PT, em Portugal e no Brasil sendo o PT de Portugal não marcado e o do Brasil sim marcado, o que na prática leva a soluções pouco felizes, como indicadas nas Informações para os utentes: prê(ê)mio, autô(ó)nomo; mais aceitáveis nos casos de c e p mudos: a(c)ção, rece(p)ção. Decidir-se por uma variedade e explicando estes fenómenos dentro das Informações para os utentes teria sido propício à legibili-

Tradição lexicográfica

dade; outro caso constituem os lusismos/brasileirismos propriamente ditos **camião** vs. **caminhão**, o último aliás não tendo sido marcado como brasileirismo, fenómeno que se dá com alguma frequência. No volume AL-PT o respectivo lema alemão (**LKW**) tem como equivalente apenas a versão brasileira (caminhão). Resta a pergunta, porque é que se incluiu **camião/caminhão** num dicionário jurídico e económico?

O *corpus* do dicionário começa logo com um problema de organização dos verbetes e a devida inserção no alfabeto: **a descoberto, a destempo, a nível federal**, além disso, os primeiros dois verbetes não pertencem à terminologia jurídica ou económica.

Estão incluídos no *corpus* numerosos organismos da área (**Instituto Internacional de Patentes**). Por outro lado, este dicionário conta com um número considerável de lemas gerais que não pertencem às áreas de Direito ou Economia: **atrelado, atrelar, ensaiar, ensinar, futuro, geral, maré, mulher, país, quiosque, seguir, segundo, usar, xerife, xerox...**

Lemas com várias acepções não apresentam explicação em relação à distinção das acepções nem um sinal sobre o contexto em que se usa algum ou nenhum dos outros: **atribuir** tem onze acepções. Há, porém, alguns casos em que acertadamente se inclui tal informação esclarecedora: **audição** Vernehmung (Zeuge – i. é *testemunha*).

Uma questão formal não está bem solucionada nos dois volumes do dicionário; muito desnecessariamente nos verbetes constituídos por adjetivos, tanto o lema como as acepções estão acompanhados de informação metalexográfica, o que incomoda muito quando se trata de adjetivos com várias acepções; assim temos: **inválido** (Adj) (1) invalid (Adj) (2) kaduk (Adj) (Aut) (= verfallen, ungültig) (3) kraftlos (Adj) (4) rechtsunwirksam (Adj) (5) ungültig (Adj) (6) unwirksam (Adj). Setes vezes a indicação Adj, em nada ajuda a distinguir as várias acepções, antes dificulta a leitura.

O volume AL-PT de 1990 contém uma lista de abreviaturas usadas no espaço de língua alemã, assim, termos em uso na Alemanha, Áustria e Suíça (curiosamente inclui siglas da ex-RDA), facto que com alguma probabilidade se deve à altura em que terminaram os trabalhos de redacção.

1.5.6. Ehlers, Edel Kick; Ehlers, Gunter, 1995, *Michaelis tech. Dicionário de Economia e Direito Alemão-Português, Português-Alemão*, São Paulo.

Nesta 2ª edição os dois volumes juntos crescem para 64.000 entradas, portanto, aproximadamente 32.000 por cada parte. Os verbetes – regra geral – são ricos em acepções e ilustram bem um determinado conceito. Nos próprios verbetes não há diferenciação quanto a áreas técnicas. Os verbetes estão organizados em nichos lexicográficos, perfazendo um nicho, no caso do lema **Direito**, ao todo 5 páginas seguidas com inúmeras acepções. Mas é só desta forma que se consegue incluir tanto material num volume relativamente delgado.

Todos os lemas estão acompanhados pelas respectivas marcas gramaticais, e em particular na parte AL-PT, as acepções – quando substantivos – estão precedidas pelo respectivo artigo, o que exige alguma adaptação da parte do utente pela invulgaridade que esta solução apresenta: **Gesetzgebung** f. – a legislação.

O utente sente-se desorientado na procura de colocações ou termos compostos por estarem organizados no alfabeto conforme o primeiro elemento, na parte PT-AL: **a longo prazo** em A; mas o mesmo se dá com termos compostos na parte AL-PT: **vollendete Tatsache** (*facto consumado* em V) e no seu devido lugar em T falta o lema **Tatsache**.

Nalguns casos, os autores incluem a abreviatura *Bras* para acusar uso exclusivo de uma acepção embora todo o dicionário esteja virado para o PT do Brasil. A inclusão da marca *Bras* parece dar-se um pouco ao acaso, já que em **borderô, caminhão, engenho** (no sentido de central), **pedágio** e **zelador** não há marca alguma.

Nota-se logo o grande número de lemas de léxico geral do PT: **alemão, bala/baleiar, cachaça, de fato, fogo, forca, lavrador, pedestre, povo, rio, xisto, zarpar, zibelina**, e até

de linguagem coloquial: **asneira**, **caçadotes** (sic!), **dedo duro** (sic!), **povinho**, **xilindró** (*cadeia em PT do Brasil*).

Frequentemente as acepções – na parte PT-AL – estão envoltas num toque de linguagem um tanto antiquada, particularmente no AL; assim deparamos com lemas como: **bom pai de família** - der gute Familienvater, ou então **pedágio** (i. é *portagem*) com duas acepções antiquadas e faltando uma tradução correspondente a este uso actual (portanto *Autobahngebühr* ou *Maut*, e não *Wegezoll* à antiga). Existe na parte AL-PT o lema **Maut**, mas referindo-se, com a acepção *alfândega*, a outro contexto. Ou ainda **literatura pornográfica** – Schmutzliteratur (*literatura suja*), **soldado** – Wehrmichtsangehöriger (i. é *soldado do exército hitleriano*, não se compreende); e ainda no verbete **soldado** uma paráfrase fazendo de sub-lemma: **soldado que anda à pilhagem** – der Felddieb (*ladrão que rouba produtos agrícolas!*).

Mas também na parte AL-PT há uma série de entradas de léxico antiquado ou não indicado para o uso hoje em dia: **völkische Minderheit** - a minoria étnica (aliás em V, não em M como se esperaria e ainda por cima terminologia nazista).

Há, aliás, uma série de lemas de origem do Terceiro Reich: **Fremdarbeiter** m. – o trabalhador estrangeiro (outra vez e sem especificar o contexto histórico), **Volksdeutscher** m. – a pessoa de origem alemã, mas não nascido na AL (esta acepção só pode levar a confusões). E seguem-se outras tantas (**Volksgemeinschaft**, **Volksgenosse**, **Volksschädling**). Há uma excepção em termos de exactidão lexicográfica: **Volksgerecht** (embora o nome oficial tenha sido *Volksgerechtig*), trata-se de uma paráfrase explicativa indicando correctamente o contexto histórico no Terceiro Reich. Mas parece desnecessário o lema nazista **Judengesetzgebung** – a legislação anti-semita (na era nazista), a acepção é a tentativa de uma definição.

Inclui igualmente algum vocabulário referente à antiga RDA.

1.5.7. Köbler, Gerhard, 2007, *Rechtsportugiesisch deutsch-portugiesisches und portugiesisch-deutsches Rechtswörterbuch für jedermann*, München.

Este dicionário com extenso prólogo e introdução sobre Portugal e sobre o Direito português, com bibliografia essencial e lista de embaixadas, consulados e associações jurídicas causa muito boa impressão. O autor refere 11.300 entradas na parte AL-PT e 12.100 de PT-AL. Ao folheá-lo ressalta um detalhe tipográfico desagradável – todas as entradas lexicais são acompanhadas pelo respectivo género (quando se trata de substantivos, enquanto verbos e adjectivos aparecem sem informação gramatical), o que seria de esperar. Mas o que incomoda, é o facto de essa informação gramatical se encontrar no mesmo tamanho das entradas, em maiúscula e impressa também em negrito. Estudando as duas partes, tornam-se evidentes numerosos defeitos:

Muitos lemas pouco ou nada têm a ver com a linguagem jurídica, encontram-se verbos gerais como **dar**, **ocupar**, **ser** (com acepção confusa: *wirken*, i. é *ter efeito*), **subir**, **trazer**; e adjectivos (**alto** – **baixo**), substantivos (**sistema**, **situação** e **companheira** com acepções absurdas).

As colocações foram incorporadas de acordo com a primeira palavra (de, em, por, sob) e não com a palavra portadora da informação essencial (**de acordo**, **de facto** – independentemente do facto de estes dois exemplos não serem próprios da linguagem do Direito).

Um problema fundamental neste dicionário constitui o tratamento das acepções. Quando ocorrem várias acepções num termo-entrada, vêm sempre separadas por vírgula e organizadas alfabeticamente. Assim, o verbo **ocupar** tem seis acepções, assim ordenadas: *ausfüllen*, *befassen*, *beschäftigen*, *besetzen*, *innehaben*, *okkupieren*. Esta organização do verbete em nada ajuda a encontrar uma solução e não se descobre uma expressa afinidade em relação à área do Direito e pior ainda, não há nada que apoie a diferenciação entre as várias acepções.

O utente interroga-se ao longo do alfabeto sobre o porquê de muitas das entradas: informações enciclopédicas como nomes de continentes, países e estados federados da Alema-

Tradição lexicográfica

nha, patentes militares, números (sessenta tem o equivalente 'Schock', uma medida antiga, em pleno desuso) – tudo informações de um dicionário geral, aqui desnecessariamente incluídas, ocupando espaço e dando a ilusão de se tratar de um grande dicionário jurídico. Também fazem volume as formas femininas de substantivos (nomes de profissões) com entrada separada. É duvidoso que algumas dessas formas sejam gramaticalmente aceitáveis, (ao menos em AL): **oficial (F.) de diligências** Büttelin (sic!) (a aceção em AL significa aliás 'beleguim', e não parece adequada a marca de género).

Esperaríamos deste dicionário um pouco mais e melhor informação lexicográfica.

1.5.8. Nolte-Schlegel, Irmgard; Gonzales Soler, Joan José, 2004, *Medizinisches Wörterbuch deutsch, spanisch, portugiesisch*, Berlin.

Este dicionário de termos médicos contém mais de 4.300 entradas de acordo com indicações da editora Springer e subdivide-se em três partes graficamente distinguíveis: Alemão-Espanhol-Português, Espanhol-Alemão-Português e Português-Alemão-Espanhol. O Prefácio do dicionário informa: «Este dirige-se essencialmente a médicos, estudantes e pessoal qualificado de medicina, que trabalham no estrangeiro. Para além do vocabulário técnico de medicina, considere também termos do dia-a-dia importantes, assim como expressões necessárias para o diálogo com o paciente.»

Regra geral, os verbetes são de estrutura simples e constituem a triplicação de um termo de base latina ou grega: **lactase** – Laktase – lactasa. Isso só não acontece quando a parte alemã tiver termos não formados por estrangeirismos, o que normalmente acontece quando existirem palavras ou expressões populares: **Salbe** – pomada – pomada, **im Knieen** (knieend) – arrodillado – ajoelhado (verbeete infelizmente incluído na letra I em vez de K, como acontece em todos os casos de expressões deste tipo, inclusão no alfabeto conforme a primeira letra da expressão).

Com respeito aos «termos do dia-a-dia importantes» evidencia-se logo que bem no fundo não pertencem com razão à área médica e ocupam espaço desnecessariamente: **apoio, após, claro, creme, de novo, doce, efectuar, explicação, fase, fechar, início, local, martelo, misto, negar, prático, preferível, realizar, rir, sonho, súbito, tabaco, território, voltar**.

Este dicionário compacto é útil para a clientela descrita no prefácio, contendo grande parte do léxico técnico básico da medicina embora parte deste igualmente faça parte da linguagem comum, como as partes do corpo (**anca, braço, cabeça** etc.).

1.5.9. Schemann, Hans, 2002, *Idiomatik Deutsch-Portugiesisch*, Stuttgart.

O volume contém aproximadamente 35.000 entradas, um número muito maior se comparado à primeira publicação de Schemann referida no artigo de Ettinger, dos anos oitenta. Esta recolha idiomática AL-PT conta-se entre as poucas grandes publicações da área e, só por isso, é grande o mérito de Schemann que persistiu, ao longo de décadas, em levar a bom fim esta obra. O prólogo conta um pouco sobre os entraves e problemas de ordem vária. A seguir o autor dá uma síntese sobre a sinalização utilizada dando a conhecer que nessa riquíssima área dos idiomatismos nem sempre pode haver concordância absoluta, e para marcar esse facto, foram introduzidos sinais indicando quando o autor teve que optar por paráfrases ou então quando divergiram as estruturas sintácticas nas duas línguas numa dada expressão idiomática.

Segue-se uma introdução, um pequeno estudo, nas duas línguas, sobre o conceito de idiomatismo e a sua aplicação concreta no dicionário, dando ao utente uma profunda ideia do pano de fundo da pesquisa idiomática apresentada neste dicionário.

Este dicionário está organizado alfabeticamente e os lemas são as palavras portadoras do sentido de cada idiomatismo. **Auge** (*olho*): mit den **Augen** verschlingen – *devorar com os olhos*;

ein (*um*): **ein** für allemal – *uma vez por todas*; **sagen** (*dizer*): was Sie nicht **sagen** – *não me diga*; **strengste** (*rigorosamente*): aufs **strengste** beachten – *seguir à risca*. Note-se que os lemas não constituem apenas nomes, mas sim todos os tipos de palavras. Constata-se que o conceito de idiomatismo aqui usado é muito abrangente, não apenas incluindo expressões e colocações opacas; assim entram expressões com verbos funcionais do tipo **unter Schock stehen** – *estar em estado de choque*, **Rollschuh laufen** – *andar de patins*, **der Hund ist auf den Mann dressiert** – *o cão está treinado para atacar pessoas* ou então expressões que apresentam pouca ou até nenhuma opacidade ou idiomatidade: **Grund und Boden** – *bens; terras; propriedades*, ou **stillegen** – *fechar* (p.ex. mina, fábrica), no fundo léxico que pertence à lexicografia geral. Mas há que admitir, como Schemann escreve nas suas palavras de Introdução ao volume Dicionário Idiomático Português-Alemão que «muitas vezes não existe, para uma expressão numa determinada língua, uma expressão que lhe corresponda numa outra língua. Nestes casos trata-se de 'descobrir', na língua de chegada, a 'melhor equivalência possível'. Pode ser uma expressão idiomática 'modificada'; pode ser só uma palavra; e pode ser uma perífrase. E há casos em que não se encontra equivalente nenhum que satisfaça».²⁹

Dada a longa duração de confecção do dicionário, encontra-se um bom número de lemas já com pouco uso hoje em dia. Mas, claro que a lexicografia por uma questão de princípio sempre se depara com o efémero e sempre traz material que algum dia cai em desuso. Mas há outro aspecto a ter em consideração, Schemann alerta para o fenómeno das «diferenças existentes entre a geração 'mais velha' – principalmente os falantes com uma idade igual ou superior a 55 anos – e os jovens – os falantes até cerca de 25 anos».³⁰ Por outro lado, há casos de entradas onde me pergunto se de facto pertencem a este tipo de dicionário: **on the rocks** – *com gelo* e outros anglicismos ou **pro forma** – *pró forma* e outras expressões e frases latinas.

Resumindo este dicionário pela sua especificidade, e com tantos verbetes é uma fonte quase inesgotável do uso das línguas.

1.5.10. Schemann, Hans; Dias, Idalete, 2005, *Dicionário Idiomático Português-Alemão*, Braga.

Escreve o autor na Introdução: «Este DICIONÁRIO IDIOMÁTICO Português-Alemão é a inversão do DICIONÁRIO IDIOMÁTICO Alemão-Português que editei, há três anos».

«O material idiomático português aqui apresentado é, portanto, em parte idiomático no sentido rigoroso desta palavra; em parte, varia ou completa expressões idiomáticas portuguesas; em parte, está no limite daquilo que se costuma designar (ainda) de 'idiomático', e em parte apresenta unidades não-idiomáticas».

Consequentemente e ao contrário do que acontece no volume AL-PT, neste volume não há abonações (desta vez em PT) para ilustrar um dado idiomatismo num contexto concreto.

1.5.11. Ramos, Fernando Silveira, 1995, *Dicionário Jurídico Alemão-Português*, Coimbra.

O presente dicionário jurídico propõe-se abranger as seguintes áreas: Direito, Economia, Fisco, Alfândegas, Comércio, Seguros, Finanças e Bolsa. Nos próprios verbetes faz-se muito pouco uso dessas marcas para fins de distinção de lemas ou acepções.

O dicionário destina-se a «profissionais que trabalham para o alemão» esclarece o prefácio num tom um tanto lírico. Não há informação sobre o número de verbetes, mas pode calcular-se que serão aproximadamente 25.000 verbetes.

A seguir a cada letra está um parágrafo com abreviaturas referentes a essa letra. Quando num verbeito aparece uma abreviatura, o utente é remetido para a respectiva letra. Assim, no

²⁹ Schemann, Hans; Dias, Idalete, 2005, Introdução.

³⁰ Schemann, Hans, 2002, p. XIX.

Tradição lexicográfica

verbeta **Abgeordnete** (*deputado*) há referência a vários tipos de deputados (MdB, MdL), sendo pois necessário consultar as abreviaturas da letra M onde se encontra uma tradução delas.

Em muitos verbetes o autor não se limita a apresentar termos soltos, acompanhando-os com paráfrases contextuais em particular da área do Direito, em AL, e com as respectivas traduções para ilustrar o funcionamento do lema em diferentes contextos.

Ao longo do *corpus* encontram-se incoerências nas informações metalexográficas. Se por um lado, e para se poder diferenciar as acepções de um dado lema, uma acepção é precedida (entre parênteses) de um sinónimo correspondente ao respectivo sentido em que a acepção deve ser usada ou então de uma informação complementar em AL; por outro lado, numerosos lemas, em particular quando não muito específicos, frequentemente carecem de diferenciação não permitindo entender a aplicabilidade das várias acepções separadas ora por vírgula ora por ponto e vírgula.

Também neste dicionário se dá entrada a uma sequência de lemas obsoletos com **Volk** (povo, popular), como no dicionário AL-PT da Porto Editora, a respeito da antiga RDA.

O mesmo se verifica, no que se refere à inclusão de termos obsoletos do tempo do Terceiro Reich sem os ilustrar devidamente: **Fremdarbeiter** – trabalhador estrangeiro, imigrante (estas duas acepções não reflectem minimamente o verdadeiro significado: essas pessoas eram oriundas dos Países subjugados pelos nazis e levadas à força para a Alemanha onde eram condenadas a trabalho forçado, e muitas dessas pessoas morreram devido às péssimas condições de trabalho e de vida). **Wehrmacht** – forças armadas (na verdade eram as forças armadas de Hitler. O verbete nada diz sobre isso).

1.5.12. Oliveira, Maria João Varela Pinto de, 2007, *Medizinisches Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch*, Hamburg.

Este dicionário de medicina com aproximadamente 7.000 verbetes (indicação da editora Buske) destina-se claramente a utentes alemães, só existe a direcção AL-PT. No Prefácio a autora menciona «dificuldades de tradução entre o pessoal da área da saúde e os pacientes portugueses». Daí resulta uma microestrutura mista: termos em AL e entre parênteses a ilustrar o próprio lema, e, a seguir, em PT, definições, explicações, referências: **Hordeolum** (Gerstenkorn) Terçolho. *Pequeno tumor no bordo das pálpebras*. Estas explicações destinam-se muito provavelmente a serem lidas aos pacientes portugueses.

Não há uma visível distinção entre PT do Brasil de Portugal, temos verbetes como: **Erkältung** resfriado; constipação (sem mais informação).

O dicionário contém numerosos latinismos, ora dizendo que se trata de latinismo: **Cuneus** (lat.) (Keil) Cunha. *Lóbulo do cérebro*, ora sem essa informação: **Cysticus** Cístico. *Pertencente à bexiga ou à vesícula biliar*.

O *corpus* deste dicionário compõe-se exclusivamente de substantivos e adjetivos e constitui uma rica colecção de termos médicos.

2. Ofertas além do tradicional dicionário em forma de livro

Esta sinopse mostra que houve uma evolução nos últimos vinte anos, mas também mostra que nem tudo são publicações satisfatórias. O único projecto realizado de maior envergadura é o da Porto Editora, e da perspectiva alemã questiona-se por que é que tradicionais casas editoriais de renome na área dos dicionários como a Langenscheidt e a Klett nada fizeram de comparável ou até de melhor para a parceria PT e AL? A resposta pode ser muito breve: por razões de custo. Como se compreende então que a Porto Editora tenha conseguido realizar duas edições para os dois volumes nesse espaço de tempo?

Observando o mercado dicionarístico na Alemanha, depara-se-nos uma outra realidade. Há muitos títulos novos e entre eles abundam obras do tipo 'Mulher-Alemão, Alemão-Mulher – guia para o homem desnorteadado' e vice-versa 'Homem-Alemão, Alemão-Homem – guia para melhor se compreender o homem', ou ainda 'Médico-Alemão, Alemão-Médico' e 'Chefe-Alemão, Alemão-Chefe' e ainda 'Cão-Alemão, Alemão-Cão'. Tudo títulos que têm aparência de ser obra de consulta, mas nada têm a ver com dicionários a sério, são antes publicações de entretenimento, satíricas, que jogam ironicamente com duplos sentidos e preconceitos, funcionando no aqui e agora, e que são elaboradas por nomes conhecidos dos média (é como se Herman José redigisse algo como um guia Alfacinha-Português para a Porto Editora). Trata-se, pois, de uma categoria de publicações que se redigem depressa, saem no mercado e rendem às editoras a curto prazo, e muito em breve desaparecem. Não se trata de lexicografia a sério.

Paralelamente, as grandes editoras apostam cada vez mais em produtos electrónicos, consultas online, dicionários pequenos para "download". Este desenvolvimento tem a sua razão de ser nas muitas ofertas da internet, o mais popularizado exemplo é a enclopédia online Wikipedia e para a área da tradução é o portal Babylon. As editoras têm que conquistar terreno na área digital para não ficar com as estantes dos dicionários cheias de produtos não vendáveis. Por ocasião de um recente aniversário a Langenscheidt pronunciou-se sobre as suas estratégias informando que de momento um décimo da sua facturação é com produtos electrónicos (cursos de língua, dicionários para instalar em telemóveis e serviços de tradução). Daqui a dez anos esse sector deverá rondar um terço das vendas dessa editora. Os clientes vão comprar uma assinatura para algum desses serviços linguísticos e têm direito a "update".³¹ Mas quem aceder aos serviços grátis das várias páginas na internet para testar a oferta para a nossa parceria AL e PT logo verifica que os resultados ficam muito aquém dos pequenos dicionários impressos para as mesmas línguas. O bem conhecido portal de tradução www.babylon.com que abre com o cabeçalho «Tradução em um só clique – de qualquer idioma para qualquer idioma» garante que nele participam 75 línguas. No ano de 2006 a Babylon vendeu 122.700 licenças, sobretudo a clientes industriais. Quase tudo gira à volta do Inglês. Mas quando escolhermos AL e PT, estamos logo perante uma desilusão, nas nossas estantes temos mais e melhor. Há um pequeno dicionário das nossas línguas, nada de dicionários ou glossários especializados que valessem a pena uma assinatura para, digamos, um tradutor. E não admira. Se as grandes editoras não se decidirem a investir em grandes dicionários para as nossas línguas, consequentemente nada pode ser oferecido nesses tais portais. Primeiro alguém tem que fazer o árduo trabalho lexicográfico! E as editoras não querem investir no AL-PT.

3. Um projecto de dicionário independente

O autor do presente artigo participou em várias publicações lexicográficas ao longo de mais de 25 anos. E há alguns anos percorreu as editoras de dicionários para sugerir a elaboração de um grande dicionário das nossas línguas que pudesse ir além das cem mil entradas por volume. Na Alemanha – só respostas amáveis, mas negativas (de Portugal e Brasil igualmente respostas pouco promissoras), foram ao todo sete as editoras alemãs abordadas.

A que mais detalhadamente argumentou foi a Hueber Verlag, que a princípio estava disposta a apostar em tal projecto porque pretendia entrar no mercado dos dicionários, mas logo renunciou alegando que um investimento dessa envergadura custaria muitas centenas de milhares de euros (suponhamos uns 600.000 euros), sobretudo custos com os honorários a pagar aos lexicógrafos. E se se calculasse uma tiragem de 3000 exemplares para os mercados de língua alemã com cem milhões de habitantes e de língua portuguesa com duzentos milhões de habitantes, ficar-se-ia aproximadamente nos 200 euros pelos dois volumes (AL-PT, PT-AL).

³¹<http://www.brandeins.de/archiv/magazin/schwerpunkt-ideenwirtschaft/artikel/mehr-als-worte.html>
(13/09/2009)

Tradição lexicográfica

Escusa-se qualquer comentário. Portanto redução de custos de produção só com péssimo ou nenhum pagamento aos lexicógrafos. Quem irá participar? Só pessoas com alguma liberdade financeira e dispostas de muito tempo a investir, eventualmente reformados ou universitários a apostarem num projecto lexicográfico em vez de trabalhar noutro projecto de pesquisa. E, dificuldade acrescida, serão necessárias pessoas muitíssimo familiarizadas com as duas línguas, para além da muita boa vontade para se comprometer com um projecto de longa duração e pouca ou nenhuma remuneração e quase sem mérito em termos académicos.

São estes os entraves por que passei nos últimos anos – resultado: estou a trabalhar isolado neste projecto, tenho sinais afirmativos da parte de algumas pessoas mas, sem remuneração, não podem participar, sobretudo colegas brasileiros de várias universidades cujo trabalho depende de um financiamento. O mesmo vale também um pouco para potenciais colaboradores portugueses e alemães. Finalmente, uma ou outra editora, que mantinham neste âmbito alguma expectativa, suspenderam qualquer intenção de fazer um contrato enquanto durar a crise.

Falta financiamento. Não se encontra disponibilidade para este objectivo, entre as empresas activas no mercado alemão e no mundo lusófono, e há muitíssimas! A dificuldade mantém-se em relação a outros organismos. O Instituto Camões prestou apoio fornecendo uma selecção de dicionários. As fundações não oferecem melhores perspectivas – ou dão dinheiro para pesquisa mesmo (redigir dicionário não é considerado pesquisa) ou alegam que o resultado do projecto seria um produto comercial e portanto não pode estar sujeito a apoios financeiros. Um apoio considerável da parte da Fundação Gulbenkian falhou por razões burocráticas.

Há ainda outro aspecto a ter em conta: a má reputação da lexicografia prática no mundo científico, universitário. Ninguém quer arriscar uma eventual carreira só porque está empenhado – durante anos – na redacção de um dicionário. Entre muitos universitários o uso da palavra 'prática' soa como uma invectiva. O grande pesquisador da dicionarística alemã, Franz-Josef Hausmann, até afirma que admitir a consulta de um dicionário seria sem prestígio intelectual e, muito ao contrário, a prova de um fracasso, a prova de pouca sabedoria. Hausmann acrescenta ter colegas a questionarem a dicionarística como campo autónomo de pesquisa³².

Continuo, entretanto, a reunir material lexicográfico, material que não conste de dicionários: termos técnicos (sem me deter nos nomes idênticos internacionalmente), expressões com combinatórias fixas, regências etc.; e até agora tenho tido algum apoio da parte de antigos alunos meus. Não perco a esperança, mas mecenas precisam-se!

4. Soluções alternativas

Como abordar esta situação específica das nossas línguas no campo dos dicionários do ponto de vista de um profissional, um tradutor por exemplo? Verificámos que temos dicionários bilingues gerais demasiado pequenos ou insuficientemente elaborados, temos alguns poucos dicionários técnicos para algumas áreas (tecnologias, ciências naturais, direito, economia e medicina) com mais ou menos deficiências. Mas também sabemos quão depressa um dicionário dos ramos tecnológicos se torna ultrapassado devido ao acelerado desenvolvimento tecnológico. Como docente de PT e formador de tradutores e intérpretes durante muitos anos leccionei estratégias alternativas ao uso de um dicionário devido à falta do mesmo. Ensinei os alunos a encontrar soluções na internet em cursos como 'pesquisa terminológica na internet' ou 'tradução assistida pela internet', portanto a busca de termos técnicos soltos no primeiro ou a procura de textos que podemos chamar paralelos no segundo, através da escolha de alguns termos concretos tirados do texto original vertendo-os para a língua-alvo tentando-se assim

³² Hausmann, Franz Josef, 1989.

LEXICOGRAFIA BILINGUE

aproximar-se o mais possível de um texto que pudesse corresponder à temática ao nível de linguagem tecnolectal desejado. É fácil descrever esse procedimento, mas no caso concreto poderá exigir-se muita paciência e muito bons conhecimentos da língua-alvo para chegar ao pressentimento de que um dado termo técnico não encontrado poderá eventualmente ser formado na língua-alvo; no pior dos casos não se encontra solução, mas sempre é uma alternativa, sobretudo quando não há dicionário actual da área.

Através deste tipo de pesquisas na internet por vezes encontram-se glossários inteiros de um campo técnico, falta apenas encontrar o equivalente na outra língua.

Para uma comunicação numa conferência sobre questões relacionadas com a tradução, fiz uma sondagem junto de antigos alunos que trabalham como tradutores e intérpretes profissionais acerca da disponibilidade de dicionários nas respectivas línguas e acerca do uso e satisfação em relação a esses dicionários. Muito resumidamente pode dizer-se que da perspectiva do AL o Inglês e com algumas reservas também o Francês, o Espanhol e o Italiano são as línguas mais bem servidas em termos de dicionários em combinação com o AL. Em todas as outras línguas sentem-se omissões em maior ou menor grau. Mas em todas essas outras línguas há necessidade de tradução e interpretação também, e os profissionais precisam de conceber estratégias para contornar as faltas. Uma resposta na referida sondagem é bem paradigmática: com o uso permanente dos dicionários disponíveis também se aprende a lidar com faltas, falhas e outras desvantagens; frequentemente o dicionário serve apenas para dar uma orientação, depois consultam-se outros e paralelamente pesquisa-se na internet até chegar a uma solução satisfatória. Além disso, quem, como tradutor e intérprete, estiver integrado numa rede de colegas, peritos das mais variadas áreas e contactos junto do cliente, frequentemente é capaz de resolver os seus problemas terminológicos. Esses profissionais recorrem igualmente à metodologia acima descrita. Os clientes dos tradutores com grande necessidade de tradução de volumosos guias, instruções, etc. normalmente possuem *translation tools* – ferramentas de tradução – contendo bases de dados terminológicos que são disponibilizados aos tradutores contratados cobrindo assim a falta de dicionários técnicos, pressupondo-se que os tradutores utilizarão essa ferramenta para poderem comunicar com o cliente em termos de tradução.

O recurso a estes métodos ajuda a resolver em parte os problemas dos profissionais da tradução mas não anula a necessidade de se pensar no futuro e em melhores dicionários. Pode constatar-se que a situação da parceria AL-PT é igualmente deficiente como em outras línguas, nas assim chamadas menos usadas. Em todo o caso, na perspectiva alemã, o PT com mais de duzentos milhões de lusofalantes é tudo menos uma língua menos usada, se comparada por exemplo ao Italiano. Mesmo assim, o Italiano, desde sempre, tem muito mais reputação e procura e conseqüentemente mais produção dicionarística do que no nosso caso. Pois, toda essa situação um tanto precária para nós resume-se à simples falta de procura, argumento puramente mercantilista se nos lembrarmos dos números em relação à produção de um dicionário citados mais acima.

Há, porém, outros modelos, outras soluções: como exemplo sirva o caso dos Países Baixos e da *Nederlandse Taalunie* (NTU) - a União Linguística Neerlandesa - instituição com alcance além-fronteiras (Bélgica e Suriname), que é um pouco uma CPLP do Neerlandês, e a *Commissie voor Lexicografische Vertaalvoorzieningen* (Comissão de Recursos Lexicográficos - CLVV) com cujo apoio foi possível elaborar e publicar um dicionário de PT e Neerlandês³³. Informa a este propósito a nossa colega e responsável pelo projecto, M. Celeste Augusto, da Universidade de Utrecht, num seu artigo³⁴. Em 2007, num artigo sobre o mesmo contexto o professor da Universidade Livre de Amsterdão, Willy Martin, escreve sobre a situação da lexicografia no caso do Neerlandês:

³³ Dicionário Verbo, 2004.

³⁴ Augusto, M. Celeste, 2003.

Tradição lexicográfica

«In 1993 the Ministers of Education in the Netherlands and Flanders decided to install a binational committee of experts in order to co-ordinate, streamline, improve and stimulate the production of bilingual dictionaries and lexical databases with Dutch as a source or target language. This committee, called *Commissie voor Lexicografische Vertaalvoorzieningen* (Committee for Interlingual Lexicographical Resources) or CLVV, has, under the presidency of W. Martin, set up Action Plans involving some twenty dictionary projects which have been finished or are nearly finished by now. In this article the general policy lines of the CLVV are presented next to the criteria for the selection of language pairs, the infrastructure used, the results obtained and the lessons to be drawn from this ‘Dutch’ approach.»³⁵

Através desta organização tornou-se possível elaborar uma série de dicionários bilingues com o Árabe (1997), o Dinamarquês (1997), o Estoniano (1998), o Finlandês (2002), o Indonésio (Bahasa) (1997) e o Grego (1998).

A Editorial Verbo em Portugal e este organismo holandês (com outros financiadores) tornaram possível a publicação do acima referido dicionário PT e Neerlandês, o que leva a pensar que no caso da parilha PT e AL parece faltar a actuação de uma tal instância de defesa da língua e empenhada em contribuir para a difusão da mesma através de incentivos à elaboração de dicionários, como seria o nosso caso.

Obviamente, caberá a entidades do Estado tomar a iniciativa no quadro da sua política linguística porque as editoras só agem sob motivação comercial, e não há outra opção para elas. Vivemos uma situação em que, como consequência da globalização, o Inglês se torna cada vez mais língua-charneira (nada contra o Inglês, mas tudo contra o uso destravado e desnecessário do Inglês!) na comunicação global. E se as línguas consideradas menos usadas não querem perder mais terreno, uma política linguística nacional tem que reagir. Assim pode evitar-se que a comunicação bilingue se torne uma estrada de sentido único cegamente orientada para o Inglês. Esta afirmação é igualmente válida para o AL e para o PT. Mas, o que fazer se o próprio Presidente da Comissão da União Europeia, José Manuel Durão Barroso, não deixa escapar uma única ocasião para **não** falar o seu idioma (para que há intérpretes profissionais?). Refiro-me aqui a pronunciamentos públicos, não a situações de serviço dentro da UE (cf. a página oficial listando os Principais Discursos desde Janeiro de 2005³⁶). E assim, embora haja um Presidente da Comissão de origem portuguesa, não é aproveitada a oportunidade de dar à língua portuguesa uma cara na Europa. A propósito, alguém pode imaginar, ao menos teoricamente, um Presidente da Comissão de origem francesa a falar outro idioma que não seja o Francês? E assim, não deve admirar vivermos um decréscimo na presença do PT nas nossas universidades, importantes multiplicadores do PT como língua estrangeira, o que consequentemente levará a uma redução de eventuais utentes de dicionários.

5. Conclusão

Podemos concluir que houve efectivamente uma evolução na lexicografia bilingue AL e PT ao longo dos últimos vinte anos. Há hoje uma gama mais ampla de áreas tecnolectais cobertas pelos mais recentes dicionários. O proveito concreto que um utente poderá tirar sempre dependerá da especificidade da sua procura.

Apesar das reservas acima apontadas, podemos constatar que os dois títulos mais novos do dicionário geral da Porto Editora constituem um grande passo em frente e oferecem uma boa ferramenta aos utentes. Mas ainda não são o grande dicionário que os lusitanistas germanófonos e germanistas lusófonos há tanto tempo esperam. Tentámos esclarecer alguns aspectos desta situação, questionando as razões da inexistência de melhores e maiores dicionários das nossas línguas. Sugerimos uma saída lembrando o exemplo do Neerlandês.

³⁵ Martin, Willy, 2007.

³⁶ http://ec.europa.eu/commission_barroso/president/press/speeches/index_pt.htm (24/09/2009)

LEXICOGRAFIA BILINGUE

Os estudos sobre cada título mostram prós e contras, ou alertas para se ter cuidado ao consultar um ou outro desses dicionários. Observamos com alguma perplexidade que, ainda hoje, em vários dicionários se inclua a terminologia nazista apresentada de forma ingénuo, como se se tratasse de lemas normais, não marcados, neutros e, portanto, não sendo restrito o seu uso. Parece-nos inaceitável não só do ponto de vista lexicográfico.